

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Filosofia – FIL

**O ANÍMICO E O SOCIAL: UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DOS CONCEITOS DE
PULSÃO E IDENTIFICAÇÃO EM FREUD**

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

BRASÍLIA

2013

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

**O ANÍMICO E O SOCIAL: UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DOS CONCEITOS DE
PULSÃO E IDENTIFICAÇÃO EM FREUD**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia como requisito para a obtenção do título de licenciatura e bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientador: Herivelto P. de Souza.

BRASÍLIA

2013

Maria Luíza Rodrigues Sampaio de Souza

**O ANÍMICO E O SOCIAL:
uma perspectiva filosófica dos conceitos de pulsão e identificação em Freud.**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia como requisito para a obtenção do título de licenciatura e bacharelado em Filosofia pela Universidade de Brasília – UnB.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Priscila Rossinetti Rufinoni

AGRADECIMENTOS

A meus pais, pelo exemplo e pela educação que me deram.

A meus irmãos, Luís e Otávio, pelo apoio nas horas difíceis.

A meu namorado, Tiago, pela paciência e compreensão.

A meus amigos, pelo incentivo e companheirismo.

A meu orientador, pela atenção e por partilhar seus conhecimentos.

RESUMO

Imerso em um grupo social, o homem sempre sacrifica alguns desejos individuais. Freud constatou que uma massa tem o poder de influenciar de forma significativa na vida psíquica do sujeito. Dentro de um grupo, o indivíduo tem suas emoções intensificadas e, muitas vezes, exerce atos que sozinho não exerceria. Freud considera os laços emocionais como a essência de um grupo e vê a identificação como o principal mecanismo para sua formação. Além disso, o autor reconhece o papel crucial que o líder possui na manutenção do grupo unido. Ampliando sua análise para o âmbito da sociedade, Freud detecta que a civilização produz um sentimento de mal-estar no homem, justamente, por conter suas pulsões. Este trabalho tem o intuito de investigar e caracterizar o arcabouço teórico que Freud fornece para compreender o vínculo social e suas implicações sobre a vida psíquica do sujeito.

Palavras-chave: Massa. Laços emocionais. Identificação. Líder. Civilização. Mal-estar. Pulsões.

ABSTRACT

When man is immersed in a social group, several of his individual wills are given up. Freud found out that coalitions have the power to significantly influence the psychic life of a subject. Within a group not only a subject's emotions are intensified, but also it performs acts that it would not exert alone. Freud considers emotional ties as the essence of a group, and sees in identification, the primary mechanism for its formation. Furthermore, the author recognizes the crucial role played by leader, namely he (or she) is responsible to maintain the group together. Extending his analysis to the realm of society, Freud detects that civilization produces a feeling of uneasiness in man precisely to contain their impulses. This paper aims to investigate, and characterize, the theoretical framework that provides Freud to understand the social bond and its implications to the psychic life of a subject.

Keywords: Coalition. Emotional ties. Identification. Leader. Civilization, Uneasiness. Impulses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	8
2 IDENTIFICAÇÃO	21
3 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO	35
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

A psicanálise é geralmente entendida como uma ciência que trata o indivíduo isolado, porém ela não pode se esquivar de uma psicologia social, uma vez que o sujeito está sempre em relação com outros indivíduos. O outro está sempre interferindo na vida do sujeito, seja como objeto de amor, como professor, como pai ou mãe. É nesse sentido que Freud compreende a psicologia individual como sendo, desde o começo, uma psicologia social. Entretanto, nas relações com pais, professor e objeto amado, o sujeito está sofrendo influência de uma ou poucas pessoas. A psicologia das massas trata o indivíduo enquanto membro de um grupo maior, como uma instituição, uma tribo ou uma classe. É a partir disso que Freud vai buscar compreender as influências de um grupo sobre a constituição psíquica do indivíduo e, posteriormente, avaliar se a civilização permite que o sujeito alcance a felicidade, tendo em vista que o sacrifício pulsional é condição necessária para a sua existência. A metapsicologia proposta por Freud está organizada sobre três perspectivas: econômica (referente à quantidade de libido), tópica (referente às instâncias psíquicas) e dinâmica (referente ao conflito psíquico). A constituição do sujeito se dá nesse contexto, mas também no contexto social. O psiquismo envolve uma dinâmica pulsional, e dispõe de uma quantidade limitada de energia, denominada, por Freud, de libido (energia das pulsões). Sendo assim, o aparelho psíquico investe essa energia, e ela pode ser direcionada tanto para o próprio eu, quanto para um objeto. Nesse sentido, a relação com o outro exige um investimento libidinal. Parte da libido que poderia ser investida no eu, precisa ser direcionada ao objeto. A gênese do sujeito ocorre, então, a partir dos conflitos existentes no mundo interno e a partir dos conflitos que a relação com o outro envolve. Ampliando para o âmbito da sociedade, a civilização vai exigir um dispêndio de energia; um esforço do ponto de vista econômico que causa sofrimento ao indivíduo. O sujeito se vê dividido entre a busca pelo prazer e as regras impostas pela sociedade.

1 CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O presente capítulo tem por objetivo perpassar os principais conceitos metapsicológicos de Freud para compreender a gênese do sujeito. Com a postulação do inconsciente, Freud foge da concepção cartesiana de sujeito racional. A descoberta do inconsciente mostra que o homem desconhece e não tem controle de uma parte significativa de sua vida subjetiva. É importante assinalar, no entanto, que o termo sujeito quase não aparece na obra freudiana, com exceção do texto *Os Instintos e seus destinos* (1915), no qual o autor utiliza o termo, diversas vezes, no sentido de um agente pulsional. Além disso, o termo sujeito não equivale ao conceito de 'eu' em Freud. O eu é entendido como uma instância psíquica; refere-se ao ponto de vista tópico, ou seja, de um lugar. A subjetividade estaria relacionada a uma dinâmica pulsional. Posto isso, o sujeito pode ser compreendido como uma função a ser construída a partir do conflito psíquico.

Tendo isso em vista, para o entendimento do sujeito e de suas relações com o objeto, o conceito de narcisismo, apreendido na concepção de Freud, é crucial. Na mitologia grega, o termo narcisismo refere-se ao amor por si mesmo. No pensamento freudiano, o termo diz respeito a um modo de se relacionar com a sexualidade¹. O narcisismo é uma maneira de investimento pulsional e se apresenta como uma estrutura fundante do sujeito.

De acordo com Freud, o termo narcisismo veio da descrição clínica e foi escolhido por P. Nacker para se referir ao comportamento no qual o indivíduo trata o próprio corpo como um objeto sexual, tocando-o até obter a satisfação (FREUD, 1914, p.10). Quando o sujeito adulto só consegue obter satisfação por meio de seu corpo, significa que o narcisismo dominou sua vida sexual e fala-se em perversão. Todavia, Freud constatou a presença de traços narcísicos em pessoas com outros distúrbios, assim como naquelas consideradas normais. Dessa forma, Freud opera com o conceito de narcisismo de modo que o mesmo deixa de ser visto apenas como uma patologia e passa a ser encarado como uma etapa do desenvolvimento psicosssexual de todo ser humano.

Chamou a atenção da pesquisa psicanalítica o fato de características isoladas da conduta narcisista serem encontradas em muitas pessoas sujeitas a outros

¹ De acordo com o Dicionário Internacional da Psicanálise, em sentido amplo, pode-se atribuir a sexualidade o significado da palavra alemã *liebe*, que significa amar.

distúrbios, como os homossexuais, segundo Sadger, e por fim apareceu a conjectura de que uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindicar um lugar no desenvolvimento regular do ser humano. (FREUD, 1914, p.10).

A dificuldade encontrada em tentar enquadrar os casos de esquizofrenia² na hipótese da teoria da libido levou Freud a se debruçar sobre a ideia de um narcisismo normal, presente na vida de todos. Os esquizofrênicos se caracterizam basicamente pela megalomania e pela perda de interesse no mundo externo. Essa segunda característica, apesar de encontrada nos histéricos e nos neuróticos, é diferente nos esquizofrênicos. Os histéricos e os neuróticos abandonam até certo ponto o contato com a realidade externa. Contudo, eles não rompem com a relação erótica com objetos (pessoas e coisas); às vezes criam fantasias e substituem os objetos reais por objetos imaginários. Os parafrênicos, ao contrário, suspendem as relações com a realidade; param de investir em objetos e não os substituem por uma fantasia. Ou seja, na esquizofrenia, o sujeito para de investir completamente no mundo externo e investe toda a sua energia em si mesmo. Esse fato é constatado nos delírios de megalomania. A energia retirada do mundo externo é escoada, através da megalomania, para o eu. O delírio de grandeza é uma tentativa de cura do indivíduo que tem o intuito de reconduzir a libido ao objeto (FREUD, 1914, p.11). Dessa tentativa, decorre uma conduta narcísica, mas esse narcisismo – que surge por retração dos investimentos objetais – aparece como secundário. Sendo assim, o narcisismo secundário é o retorno da libido ao eu depois desta ter sido investida em objetos externos.

‘‘Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração de objetos como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias’’. (FREUD, 1914, p.11).

O narcisismo primário, por sua vez, é entendido como o estado no qual a criança toma a si mesmo como objeto de amor. Ao nascer, o bebê não se diferencia do resto do mundo, não possui a percepção de objetos e investe toda a sua libido em si mesmo. Não obstante, com o decorrer do tempo, ele é exposto a vários estímulos e começa a diferenciar um eu de um fora. Com essa diferenciação, o bebê aprende que para obter determinados prazeres precisa recorrer a um objeto externo. Dessa forma, é o investimento libidinal em objetos marca a relação com o outro, e o

² Freud utiliza o termo ‘parafrenia’.

desenvolvimento do eu implica em um distanciamento do narcisismo primário. Depreende-se, portanto, que o narcisismo primário consiste em um investimento libidinal no eu e está presente em todo ser humano. Entretanto, com o desenvolvimento do eu, parte desse investimento é cedido aos objetos.

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameiba aos pseudópodes que dele avançam. (FREUD, 1914, p.12).

No narcisismo primário, a libido é retida essencialmente no eu e os objetos se tornam como que extensões dele. No narcisismo secundário, os objetos são desinvestidos libidinalmente e essa energia retorna ao eu. Disso infere-se a existência de duas energias psíquicas: libido do eu e libido do objeto. No estado do narcisismo primário, essas duas energias estão juntas e é apenas com o investimento nos objetos que se torna possível distinguir uma energia sexual de uma energia das pulsões do eu. A oposição entre a libido do eu e a libido objetual se segue da hipótese freudiana que diferencia dois tipos de pulsões: as pulsões sexuais e as pulsões do eu (FREUD, 1914, p.13).

De modo geral, é possível dizer que as pulsões sexuais são aquelas ligadas ao princípio do prazer, enquanto as pulsões do eu são aquelas ligadas ao princípio de realidade e responsáveis pelas funções corporais necessárias à sobrevivência do indivíduo. O princípio do prazer conduz o indivíduo a buscar a satisfação das pulsões sem restrição. Ele é da ordem do inconsciente e não considera a realidade, agindo somente de acordo com as moções pulsionais. O princípio da realidade, por outro lado, é da ordem do consciente/pré-consciente, e permite ao indivíduo fazer uma alteração na realidade para obter prazer. Ou seja, ele é caracterizado por um adiamento da satisfação: a pessoa pode obter a satisfação das pulsões, mas tem antes que conciliá-la com as exigências do mundo externo.

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio de prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro que virá depois (FREUD, 1911, p.86).

As pulsões sexuais estão apoiadas, de início, nas pulsões do eu. Freud exemplifica isso recorrendo ao exemplo do seio materno. A função primeira dele é a de nutrição, entretanto, o

bebê obtém outros prazeres no ato de mamar. Ou seja, as primeiras experiências de satisfação do indivíduo estão, de início, conectadas com as funções vitais. Na escolha do objeto pela criança, ela geralmente toma os objetos sexuais a partir dessas primeiras experiências de satisfação, e o apoio das pulsões sexuais nas pulsões do eu implica que as pessoas ligadas aos cuidados do bebê, como a mãe, por exemplo, podem se tornar o modelo de objeto almejado.

As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui. (FREUD, 1914, p.22).

Sendo assim, quando o objeto de amor é escolhido baseando-se no modelo dos cuidadores, fala-se em uma escolha de objeto por apoio. Todavia, para Freud, havia outro tipo de escolha objetual: a escolha narcísica. Nesse tipo de escolha, o objeto de amor é eleito a partir do modelo de si mesmo, e há caminhos diferentes para a escolha do objeto segundo o tipo narcísico.

Um breve sumário dos caminhos para a escolha de objeto pode concluir estas observações incipientes. Uma pessoa ama:

- 1) Conforme o tipo narcísico:
 - a) o que ela mesma é (a si mesma),
 - b) o que ela mesma foi,
 - c) o que ela mesma gostaria de ser,
 - d) a pessoa que foi parte dela mesma. [...]. (FREUD, 1914, p.24).

Compreende-se, portanto, que na vida amorosa normal, o sujeito pode eleger seu objeto sexual por meio de duas escolhas: ou através da escolha por apoio, ou através da escolha narcísica. Isso ocorre dessa maneira, segundo Freud, porque *“o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto”*. (FREUD, 1914, p.22).

Conforme Freud, a vida amorosa do ser humano, com suas escolhas objetuais, é uma via de acesso para o estudo do narcisismo. Além disso, ele considera que a postura dos pais com relação aos filhos também confirma o narcisismo primário³. A atitude terna dos pais para com os filhos é uma revivescência dos seus próprios narcisismos. Os pais, geralmente, superestimam os filhos;

³ FREUD, S. Introdução ao narcisismo. p. 25.

atribuem todas as perfeições a eles e ocultam seus defeitos. Apesar disso, eles também exercem a função de crítica moral, e é essa crítica, junto com a influência da sociedade, que obriga a criança a se afastar de seu narcisismo primário. Quando as moções pulsionais da libido entram em conflito com as ideias morais do indivíduo, elas sofrem repressão (ou recalque) – um dos destinos possíveis da pulsão. A repressão é um mecanismo de defesa através do qual desejos ou ideias intoleráveis para o sujeito, ou seja, conteúdos que não se ajustam ao ideal do sujeito, são mantidos fora do domínio da consciência, e conservados no inconsciente.

Em um texto posterior, intitulado *A Repressão*, Freud sintetiza o que seria esse mecanismo. Segundo ele, a repressão surge quando uma pulsão encontra resistência no percurso em busca da satisfação. Diante de um estímulo externo, a reação do sujeito é fugir. Contudo, como será visto adiante, frente a um estímulo interno a fuga não é uma saída possível. Dessa maneira, a pulsão chega ao estado da repressão. Freud define a repressão como um meio termo entre a fuga e a condenação - rejeição baseada no julgamento (FREUD, 1915a, p.62).

De acordo com o autor, a condição para que a repressão surja é que o motivo de desprazer adquira uma força maior que o prazer da satisfação. Além disso, a repressão não é um mecanismo que está presente desde o início na vida do indivíduo. Apenas afastar uma pulsão da consciência não explica a repressão. Esta só pode surgir quando há uma separação entre consciente e inconsciente.

Freud supõe uma repressão primordial, uma fase inicial que designaria o fato de ser negado à representação da pulsão o acesso ao consciente (FREUD, 1915a, p.63). Nesse ponto, o consciente começa a ser nitidamente separado do inconsciente. Nessa fase, a repressão produz uma fixação, e a representação pulsional permanece inalterável, com a pulsão ligada a ela. A repressão propriamente dita – a segunda fase da repressão – interfere nos conteúdos derivados da representação pulsional reprimida; ou seja, interfere nos conteúdos que se associaram a representação pulsional reprimida. Sendo assim, esses conteúdos sofrem o mesmo destino da repressão originária, a repressão propriamente dita é, na verdade, uma pós-repressão. (FREUD, 1915a, p.64).

É importante assinalar que o conteúdo reprimido continua existindo no inconsciente, e não impede que este continue se organizando e estabelecendo relações com a representação pulsional reprimida. A repressão interfere apenas nas relações com o consciente.

[...] a repressão não impede a representante do instinto de prosseguir existindo no inconsciente, de continuar se organizando, formando derivados e estabelecendo conexões. Na realidade, a repressão perturba apenas a relação com um sistema psíquico, o do consciente. (FREUD, 1915a, p.64).

Até então, o eu era entendido como o responsável por fazer a repressão. Ele era a instância que dava coerência à pessoa; comportava elementos centrais do pensamento racional e estaria ligado à consciência. Porém, com o estudo do narcisismo, Freud constatou uma parte do eu que se comporta como inconsciente. Ou seja, tem as mesmas propriedades do reprimido. Em consequência, o eu passa a ser dividido em duas partes: uma inconsciente e uma pré-consciente/consciente.

Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. (FREUD, 1914, p.27).

O ideal do eu se forma, portanto, quando a criança sofre influência crítica de seus pais e da sociedade, e é obrigada a renunciar ao seu narcisismo infantil. Essa renúncia só é possível pela formação do ideal do eu como substituto: a criança, para não perder o amor do pai, renuncia à satisfação de suas pulsões.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar a satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 1914, p.27-28).

O ideal do eu é condição para a repressão justamente porque sua formação se dá sob a influência dos pais e da sociedade. Como ele surge do conflito entre o narcisismo e as exigências morais, ele aumenta as exigências do eu e favorece a repressão. Um dos mecanismos para se

tentar escapar dessas exigências e da repressão é o da sublimação. A sublimação é um mecanismo através do qual a pulsão se dirige para uma meta que não é a de satisfação sexual⁴. Freud aponta para o fato de que, muitas vezes, a sublimação é confundida com a formação do ideal do eu. No entanto, segundo ele, a sublimação não decorre necessariamente do fato de se trocar o narcisismo pelo ideal do eu. A sublimação pode ser instigada pelo ideal do eu, mas ela é um processo que ocorre independentemente:

“É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação”. (FREUD, 1914, p.28)

Com o narcisismo, o eu passa a ser objeto da sexualidade. A finalidade do eu e da libido é confundida, e Freud encontra problemas em manter o dualismo pulsional - pulsões do eu e pulsões sexuais - visto que o eu também é investido de libido. Dessa maneira, em *Introdução ao Narcisismo*, o conflito psíquico vai ser definido pelas relações entre libido do eu e libido objetal. Entretanto, em 1920, com o texto *Além do princípio do prazer*, Freud propõe um novo dualismo para manter a noção de conflito psíquico.

No livro *Os Instintos e seus destinos*, Freud procura caracterizar melhor o conceito de pulsão. Ele inicia o texto fazendo uma analogia entre o aparelho psíquico e o mecanismo de arco reflexo. O arco reflexo é basicamente o mecanismo pelo qual um estímulo externo atinge o tecido nervoso e causa uma reação que tem por finalidade se esquivar desse estímulo. O arco reflexo é, portanto, uma resposta a um estímulo externo. A pulsão é um estímulo para o psiquismo; mas é um estímulo interno, ou seja, oriundo do interior do corpo. Desse modo, o modelo de arco reflexo não se aplica, visto que não há como se esquivar de um estímulo interno e que exerce força constante. O estímulo pulsional é entendido como uma necessidade que corresponde a uma satisfação. Quando essa necessidade é satisfeita, o estímulo pulsional, sentido como desprazeroso, é amenizado.

Como já dito, o indivíduo, ainda no estágio de um bebê desamparado, não diferencia um eu de um fora. Essa diferença é compreendida à medida que ele recebe estímulos e os responde. Nesse processo, o bebê apreende que há estímulos dos quais pode se esquivar – estímulos que

⁴ FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. p. 28.

atribuirá a um mundo externo - e estímulos dos quais é inútil tentar escapar. Esses últimos são evidências características da existência de um mundo interior de necessidades pulsionais⁵. Nesse período, o que existe é uma tensão de necessidade que leva ao desprazer e uma diminuição desse desprazer através de meios que satisfaçam a necessidade.

Freud atribui ao sistema nervoso a função de dominar os estímulos que o corpo recebe. Todavia, os estímulos pulsionais não são amenizados por meio de uma ação muscular, como no caso dos estímulos fisiológicos. Decorre, assim, que os estímulos pulsionais impõem ao sistema nervoso um trabalho mais complexo para se obter a satisfação (descarga de energia).

Os estímulos externos colocam apenas a tarefa de subtrair-se a eles, o que acontece então por movimentos musculares, dos quais um alcança o fim e, sendo o mais apropriado, torna-se disposição hereditária. Os estímulos instintuais que surgem no interior do organismo não podem ser liquidados por esse mecanismo. Portanto, colocam exigências bem mais elevadas ao aparelho nervoso, induzem-no a atividades complexas, interdependentes, as quais modificam tão amplamente o mundo exterior, que ele oferece satisfação à fonte interna de estímulo, e sobretudo obrigam o aparelho nervoso a renunciar à sua intenção ideal de manter a distância os estímulos, pois sustentam um inevitável, incessante afluxo de estímulos. (FREUD, 1915b, p.41).

Desse modo, Freud considera as pulsões como os verdadeiros motores dos progressos do sistema nervoso e as define como *“um conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo”* (FREUD, 1915b, p.42).

No estágio narcísico primário, o eu se encontra investido pulsionalmente e, em parte, consegue satisfazer suas pulsões em si mesmo. Nesse período, como já citado, o mundo externo não é investido e, então, não faz diferença no tocante da satisfação das pulsões. Dessa maneira, a polaridade eu-sujeito coincide com o que é prazeroso e o mundo externo com o indiferente. Na medida em que o eu se satisfaz sozinho, ele não necessita do mundo externo, mas mesmo assim continua recebendo dele objetos, devido às experiências das pulsões de autoconservação, e, portanto, sentirá estímulos pulsionais como desprazerosos. Nesse período, sob o domínio do princípio do prazer, o eu acolhe os objetos que lhe proporcionam prazer e afasta os que lhe proporcionam desprazer. O mundo externo passa a ser dividido, então, em uma parte prazerosa – que foi integrada ao eu – e uma parte estranha. O eu-sujeito passa a coincidir com o prazer e o mundo externo com o desprazer. Segundo Freud, as moções pulsionais são, assim, influenciadas

⁵ FREUD, S. Os Instintos e seus destinos. p. 41.

por três polaridades que dominam a vida anímica: eu-mundo externo (eu-não eu); prazer-desprazer; e ativo-passivo (o eu é passivo quando recebe estímulos do mundo externo, e ativo quando os responde⁶).

Quando o estágio narcísico dá lugar ao estágio do objeto, prazer e desprazer irão denotar relações do eu com o objeto. Há uma tendência de o sujeito incorporar ao eu o objeto que proporciona prazer. Nesse caso, o sujeito diz que ama o objeto. Contudo, quando o objeto é fonte de desprazer, há uma tendência de o sujeito afastá-lo de seu eu, e diz-se que se odeia esse objeto. O ódio aparece quando as pulsões sexuais se estabelecem. É algo que ameaça o eu; é uma tentativa de realizar as pulsões de autoconservação. Sendo assim, o eu ama o que o satisfaz sexualmente e odeia o que não satisfaz suas necessidades de autoconservação. O amor surge da capacidade do eu satisfazer autoeroticamente parte de suas moções pulsionais. De acordo com Freud, o amor é:

[...] originalmente narcísico, depois passa para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, e exprime a procura motora do Eu por esses objetos, enquanto fontes de prazer. Liga-se intimamente à atividade dos futuros instintos sexuais, e coincide, quando a síntese desses é completada, com a totalidade da procura sexual. Estágios preliminares do amor se revelam como metas sexuais temporárias, enquanto os instintos sexuais perfazem a sua complexa evolução. O primeiro desses estágios divisamos no *incorporar* ou *devorar*, um tipo de amor compatível com a abolição da existência separada do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente. No mais elevado estágio da organização sádico-anal pré-genital surge a procura pelo objeto, sob a forma de impulso de apoderamento, ao qual não importa se o objeto é danificado ou aniquilado. Essa forma e fase preliminar do amor mal se distingue do ódio, em seu comportamento para com o objeto. Apenas com o estabelecimento da organização genital o amor se torna o contrário do ódio. (FREUD, 1915b, p.57).

É interessante notar que o melancólico não consegue amar outro objeto. No texto intitulado *Luto e Melancolia*, Freud caracteriza a melancolia como uma patologia na qual há um profundo sofrimento do sujeito, uma perda de interesse no mundo externo, uma incapacidade de amar outro objeto, e uma diminuição da produtividade e da autoestima. Tudo isso é expresso por recriminações que o sujeito dirige a si mesmo. O melancólico descreve o seu eu como algo desprezível. Para Freud, essas autorrecriminações se dão porquanto o eu, por meio de uma identificação narcísica com o objeto perdido, é criticado como antes foi o objeto. Ou seja, na

⁶ FREUD, S. Os Instintos e seus destinos. p. 53.

melancolia, o indivíduo coloca o próprio objeto no lugar do eu. E é devido a isso que o melancólico se autodeprecia, pois, na verdade, ele não está atacando o eu e sim o objeto perdido.

O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. (FREUD, 1917, p.133).

Na melancolia, a identificação substituiu o investimento libidinal uma vez dirigido ao objeto amado e, conseqüentemente, o investimento objetal foi abandonado. A perda do objeto se transformou na perda do eu e o conflito passou a ser entre o eu e a parte alterada do eu. Aqui fica claro que há uma parte do eu que pode ser separada dele: o ideal do eu. O eu está dividido em duas partes que brigam entre si. Na melancolia, o ideal do eu se torna um tirano que censura o eu.

Vemos como uma parte do Eu se contrapõe à outra, faz dela uma avaliação crítica, toma-a por objeto, digamos. [...] Aqui travamos conhecimento com uma instância habitualmente chamada de consciência moral; nós a incluiremos entre as grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade, e encontraremos provas de que é capaz de adoecer por si própria (FREUD, 1917, p.132).

Freud entende a identificação como um regresso de um tipo de escolha objetal ao estágio narcísico. Para ele, a identificação é um estágio anterior à escolha do objeto e a primeira forma, ambivalente, do eu destacar um objeto (FREUD, 1917, p.134).

A melancolia é caracterizada, então, por um regresso da libido ao eu, mas também pela ambivalência de sentimentos com relação ao objeto. O regresso da libido ocorre devido a uma fixação no objeto amado, e a ambivalência de sentimentos devido a uma escolha objetal narcísica.

Entre as precondições da melancolia não devemos negligenciar esse conflito da ambivalência, que ora se origina na realidade, ora na constituição do indivíduo. Se o amor ao objeto — a que não se pode renunciar, quando se tem de renunciar ao objeto mesmo — refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. (FREUD, 1917, p. 135-136).

Segundo Freud, a tendência ao suicídio, presente na melancolia, diz respeito ao impulso de matar o outro. O melancólico só pode se matar porque trata a si mesmo como objeto.

Agora a análise da melancolia nos ensina que o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (ver “Os instintos e seus destinos”). Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu. (FREUD, 1917, p.136).

Dessa maneira, na melancolia, amor e ódio fazem parte da libido que uma vez foi direcionada ao objeto, mas que agora se dirige ao próprio eu. A tendência ao suicídio seria, assim, um impulso, que se dirige ao eu, de matar o objeto. Nessa patologia, o eu encontra-se clivado e o ideal do eu acha uma satisfação sádica ao dirigir o ódio para o eu. Posteriormente, Freud compreenderá essa agressividade do ideal do eu como uma expressão da *pulsão de morte*. Como dito alhures, em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud concebe um novo dualismo pulsional que se dá entre pulsões de vida e pulsões de morte. Ademais, nesse texto, o autor estabelece a compulsão à repetição como uma importante característica da pulsão e como algo anterior ao princípio do prazer.

Freud (1920) inicia o texto analisando o princípio do prazer do ponto de vista econômico e correlacionando-o ao o princípio de constância. O princípio de constância tem a função de manter a quantidade de energia no aparelho psíquico o mais baixa possível. Um aumento da quantidade de excitação é sentido como desprazer e uma diminuição dessa quantidade como prazer⁷. Desse modo, o princípio de prazer está relacionado ao princípio de constância, justamente, porque busca manter a quantidade de excitação do aparelho anímico o mais baixa ou constante.

Os fatos que nos levaram a crer que o princípio do prazer predomina na psique também acham expressão na hipótese de que o aparelho psíquico se empenha em conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante. É a mesma coisa, apenas em outra formulação, pois, se o trabalho do aparelho psíquico se dirige para manter baixa a quantidade de excitação, tudo o que tem a propriedade de aumenta-la será percebido como disfuncional, ou seja, como desprazeroso. O princípio do prazer deriva do princípio de constância; na realidade o princípio de constância foi deduzido dos fatos que nos impuseram a hipótese do princípio do prazer. (FREUD, 1920, p.123).

⁷ FREUD, S. Além do princípio do prazer. p. 121.

Consoante com Freud, o princípio do prazer é próprio de um modo de funcionamento primário do aparelho anímico. Com a influência das pulsões de autoconservação, ele cede lugar ao princípio de realidade, que adia a satisfação e tolera o desprazer por um tempo para se chegar ao prazer. Assim sendo, o princípio de realidade faz com que as pulsões sexuais sejam reprimidas, uma vez que suas metas são inconciliáveis. A repressão é, portanto, uma fonte de desprazer. Freud assinala que outra fonte de desprazer são os conflitos dentro do aparelho psíquico que surgem quando o eu está se desenvolvendo.

Em suma, o princípio do prazer, do ponto de vista econômico, compreende uma redução na quantidade de excitação, no intuito de evitar o desprazer. Nas seções II e III do texto, Freud levanta a hipótese de que a compulsão à repetição indica a existência de algo anterior, mais primitivo que o princípio do prazer. A compulsão à repetição designa o processo de reviver interminavelmente um evento desprazeroso. Freud exemplifica esse processo recorrendo aos sonhos que ocorrem em uma neurose traumática: nesses sonhos o doente sempre retorna à situação do acidente traumático⁸.

Até então, o sonho era entendido somente como a realização de um desejo. Porém, nos sonhos das neuroses traumáticas, a situação desprazerosa é revivida na tentativa do sujeito dominar os estímulos que anteriormente não dominou.

Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática. Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer. (FREUD, 1920, p.143).

Desse modo, a compulsão à repetição, presente nos sonhos da neurose traumática, aparece como algo independente e mais originário que o princípio do prazer. As excitações se tornam traumáticas para o sujeito quando não sofrem uma descarga ou uma elaboração psíquica adequada. Em consequência, a energia não é ligada e o indivíduo revive, compulsivamente, a situação traumática na tentativa de ligá-la ou ab-reagi-la.

Nas partes V e VI do livro, Freud apresenta o novo dualismo pulsional. Ele atribui à compulsão à repetição um caráter pulsional, visto que todas as pulsões buscam a satisfação, e por não alcançarem a satisfação completa, devido ao princípio de realidade, persistem na busca desta.

⁸ FREUD, S. Além do princípio do prazer. p. 126.

O instinto reprimido jamais desiste de lutar por sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formas substitutivas e reativas, todas as sublimações não bastam para suprimir sua contínua tensão, e da diferença entre prazer de satisfação encontrado e o exigido resulta o fator impulsor que não admite a permanência em nenhuma das situações produzidas, mas, nas palavras do poeta ‘sempre impele, indomável, para frente’.
(FREUD, 1920, p.153).

Por conseguinte, Freud traz uma nova definição de pulsão como um impulso ‘*presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve que abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica*’ (FREUD, 1920, p.147-148).

Desse modo, a pulsão passa a ser compreendida como a expressão da natureza conservadora do ser vivo, que tem como meta final a morte. Disso, surge uma nova estruturação da vida anímica a partir da dicotomia entre pulsões de vida e pulsões de morte. As pulsões de morte são aquelas que buscam restaurar um estado inorgânico, que impelem à morte. As pulsões de vida, por sua vez, são aquelas que buscam a continuação da vida⁹.

Este capítulo teve a finalidade de caracterizar os principais conceitos metapsicológicos de Freud, para entender em que contexto pode-se falar da constituição do sujeito. O narcisismo foi caracterizado como uma estrutura intrínseca ao desenvolvimento psicosssexual de todo indivíduo, e para que a relação com o outro seja estabelecida é necessário que haja uma limitação do mesmo. O conflito psíquico existente entre as pulsões e as regras morais impostas pelos pais e pela sociedade fazem com que o indivíduo renuncie ao seu narcisismo infantil, e essa renúncia implica a instalação do ideal do eu como substituto. Além disso, com a reformulação do dualismo pulsional, Freud constata que a pulsão tem um caráter conservador, que tende a retornar a um estágio anterior. O conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte e o ideal do eu serão conceitos essenciais para se compreender o funcionamento da civilização. O mecanismo de identificação foi introduzido e será aprofundado no capítulo seguinte. É esse mecanismo que fornece as condições para se compreender o laço social e suas implicações sobre a vida anímica do sujeito.

⁹ FREUD, S. Além do princípio do prazer. p. 153-154.

2 IDENTIFICAÇÃO

No capítulo anterior, foi feito um trajeto pelos principais conceitos freudianos, a fim de compreender como o sujeito se constitui. O presente capítulo tem o intuito de investigar o mecanismo de identificação, bem como sua relação com o narcisismo e com o vínculo social.

No artigo *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud retoma questões acerca do narcisismo e do mecanismo de identificação. Partindo dessas noções, e da noção de ideal do eu, Freud articula a psicologia individual com a psicologia social e busca compreender os motivos que levam os indivíduos a se unirem em grupos. Ele começa suas considerações recorrendo à concepção de alma coletiva, apresentada no livro *Psicologia das Multidões* de Le Bon.

Segundo Le Bon, dentro de um grupo, os indivíduos - independente de suas diferenças - formam uma alma coletiva que os faz pensar e agir de uma maneira diferente de quando estão sozinhos. Para ele, um grupo psicológico pode ser comparado ao corpo humano, que é formado por várias células diferentes, mas que juntas formam um todo.

O fato mais surpreendente apresentado por uma multidão psicológica é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, por mais semelhantes e ou dessemelhantes que possam ser seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o mero fato de se haverem transformado em uma multidão dota-os de uma espécie de alma coletiva. Essa alma os faz sentir, pensar e agir de um modo completamente diferente daquele como sentiria, pensaria e agiria cada um deles isoladamente. Algumas ideias, alguns sentimentos só surgem ou se transformam em atos nos indivíduos em multidão. A multidão psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos por um instante amalgamados, exatamente como as células de um corpo vivo formam por meio de sua reunião um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas que cada uma das células possui. (LE BON, p.32).

De acordo com Le Bon, na massa, a individualidade do sujeito desaparece. Sua personalidade consciente é suspensa e seus sentimentos e ideias se orientam em uma mesma direção. Para ele, o inconsciente¹⁰, próprio da raça, ressalta, desaparecendo as características próprias de cada indivíduo.

¹⁰ A concepção de inconsciente em Le Bon não é a mesma da psicanálise. Le Bon não traz o conceito de recalque em suas obras. O inconsciente, para ele, é aquilo que possui os traços profundos da alma da multidão. É uma espécie de inconsciente coletivo.

Ora, essas qualidades gerais do caráter, regidas pelo inconsciente e possuídas mais ou menos no mesmo grau pela maioria dos indivíduos normais de uma raça, são exatamente aquelas que, nas multidões, são partilhadas. Na alma coletiva, apagam-se as aptidões intelectuais dos homens e conseqüentemente sua individualidade. O heterogêneo perde-se no homogêneo e as qualidades inconscientes dominam. (LE BON, p.34).

Le Bon aponta três causas que determinam o aparecimento de características específicas em uma massa. A primeira seria o sentimento de onipotência. Imerso em um grupo o indivíduo parece dotar de um poder que o permite ceder com mais facilidade a instintos que sozinho repreenderia. A segunda seria o contágio mental, fenômeno, conforme Le Bon, fácil de constatar, mas ainda não explicado (LE BON, p.35). Em uma massa todo sentimento ou ato é contagioso a ponto de o sujeito sacrificar seu interesse pessoal em favor do coletivo. O contágio seria um efeito da terceira causa apontada por Le Bon: a sugestionabilidade. Esta última causa determina as características novas presentes em um indivíduo da massa, muitas vezes, até contrárias as suas características quando isolado. Neste ponto, Le Bon recorre ao fenômeno da hipnose: no estado hipnótico o sujeito perde sua personalidade consciente e obedece as sugestões do hipnotizador. Para ele, o indivíduo em uma massa é igual a um indivíduo em estado hipnótico.

Esse é aproximadamente o estado do indivíduo que faz parte de uma multidão. Ele já não tem consciência de seus atos. Nele, como no hipnotizado, enquanto certas faculdades são destruídas, outras podem ser levadas a um grau de extrema exaltação. A influência de uma sugestão o lançará com irresistível impetuosidade para a realização de certos atos (LE BON, p.36).

No estado hipnótico, o indivíduo se torna escravo de suas atividades inconscientes, que são guiadas de acordo com o intuito do hipnotizador. Na massa, o indivíduo estaria sujeito a um estado muito próximo do da hipnose. Seus sentimentos e pensamentos são guiados em uma direção determinada, assim como no estado hipnótico. Para Le Bon, a sugestionabilidade seria a causa mais importante das mudanças ocorridas em um sujeito dentro da massa.

Dessa maneira, as principais características do indivíduo na massa, para Le Bon, seriam *“o desaparecimento da personalidade consciente, predomínio da personalidade inconsciente, orientação por meio da sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias num mesmo sentido, tendência de transformar imediatamente em ato as ideias sugeridas”*. (LE BON, p.36).

Freud expõe os conceitos de Le Bon a fim de elucidar o que é uma massa e as alterações que ela acarreta na vida anímica do sujeito. Freud destaca que o contágio e a sugestionabilidade –

fatores apontados por Le Bon como os principais responsáveis pelas alterações psíquicas ocorridas no indivíduo em uma massa – não são fenômenos do mesmo tipo, e admite que o contágio é uma manifestação da sugestionabilidade. Contudo, não acredita que esses conceitos ficaram bem esclarecidos na obra de Le Bon.

[...] as duas últimas causas da modificação do indivíduo na massa, o contágio e a maior sugestionabilidade, evidentemente não são do mesmo tipo, pois o contágio deve ser também uma manifestação da sugestionabilidade. Também os efeitos de ambos os fatores não nos parecem claramente separados no texto de Le Bon. Talvez interpretemos da melhor maneira sua afirmação se relacionarmos o contágio ao efeito que os membros isolados da massa exercem uns sobre os outros, enquanto as manifestações de sugestão da massa, equiparadas aos fenômenos de influência hipnótica, remetem a outra fonte. (FREUD, 1921, p.17).

Dessa forma, para Freud, a explicação para as alterações psíquicas ocorridas no sujeito dentro de uma massa não estaria no fenômeno da sugestão. Se a relação do indivíduo dentro de um grupo é equivalente à de uma pessoa no estado hipnótico, quem substitui o hipnotizador no grupo? A partir deste e de outros problemas, Freud constata lacunas na teoria de Le Bon e traça seu próprio caminho para compreender como uma massa consegue interferir no psiquismo do sujeito.

Partindo do fato de que dentro de uma massa o indivíduo tem suas emoções intensificadas, sua capacidade intelectual reduzida, e abre mão de suas particularidades, Freud se utiliza do conceito de libido para esclarecer a psicologia das massas.

“Libido” é uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa – embora atualmente não mensurável – desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra “amor”. (FREUD, 1921, p.32).

Sendo assim, Freud entende que a libido é a energia das pulsões ligada as várias formas de amor e justifica a utilização desse conceito, justamente, porque essas pulsões amorosas seriam expressão das mesmas moções pulsionais que levam a união sexual, ou seja, esses impulsos amorosos são o que a psicanálise chama de pulsões sexuais.

Freud assinala que as pulsões sexuais são responsáveis por manter uma massa unida. As restrições ao narcisismo que surgem em grupo são indícios de que sua formação se dá pelas ligações libidinosas entre seus membros. Dessa forma, as relações amorosas seriam a essência da mente grupal e o que permitiria uma união duradoura.

“[...] evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este efeito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo?”.
(FREUD, 1921, p.34).

As pessoas se juntam por laços amorosos, mas que só são possíveis através do processo de identificação. O mecanismo de identificação é um processo pelo qual o sujeito internaliza os atributos de um outro e modifica-se de acordo com o que introjetou. Freud aponta três formas de identificação: identificação primária, identificação compreendida dentro da neurose e identificação que não implica investimento libidinal. A identificação primária está relacionada ao Complexo de Édipo. No caso do menino, a criança gostaria de ser igual ao pai, toma-o como seu ideal, ou seja, identifica-se com ele, ao mesmo tempo em que investe objetivamente na mãe. O segundo tipo de identificação está relacionada ao processo de formação de sintoma na neurose. Freud dá o exemplo de uma paciente que desenvolve o mesmo sintoma que a mãe, uma tosse incessante. O sintoma estaria relacionado à vontade da paciente de assumir o lugar da mãe. A terceira forma de identificação, segundo Freud, é a responsável pela formação de um grupo. Nesse tipo de identificação não há um investimento sexual no objeto, ele consiste na vontade de se colocar em uma mesma situação.

Há um terceiro caso de formação de sintomas muito frequente e significativo, em que a identificação desconsidera totalmente a relação objetal com a pessoa copiada. Se, por exemplo, uma das garotas de um pensionato recebe carta de alguém que ama secretamente, uma carta que lhe desperta o ciúme, e a qual ela reage com um ataque histérico, algumas de suas amigas que souberem do que se trata pegarão esse ataque, como dizemos, por infecção psíquica. O mecanismo é aquele da identificação baseada em querer ou poder colocar-se na mesma situação. (FREUD, 1921, p.49).

A identificação que liga as pessoas de um grupo não tem um caráter sexual. São os impulsos sexuais inibidos na meta¹¹ que permitem laços afetivos tão duradouros. Com a satisfação, o amor sensual, sozinho, acabará se extinguindo. Portanto, para que um laço afetivo seja duradouro é necessário que o amor sensual esteja misturado a impulsos inibidos na meta.

¹¹ A meta de uma pulsão é sempre atingir a satisfação, que só é possível por meio da eliminação da estimulação na fonte da pulsão. A meta final não muda, contudo, há vários caminhos possíveis para atingi-la. (FREUD, 1915, p.43).

Os instintos sexuais inibidos na meta têm uma grande vantagem funcional diante dos não inibidos. Já que não são capazes de uma satisfação realmente completa, prestam-se em especial para criar ligações duradouras, enquanto os diretamente sexuais perdem cada vez sua energia com a satisfação e têm que esperar serem renovados por mais acúmulo da libido sexual, de modo que nesse meio tempo o objeto pode ser trocado (FREUD, 1921, p.83).

As mudanças psíquicas que ocorrem na massa estariam ligadas justamente à sua estrutura libidinal, mas também a uma idealização da figura do líder.

“Já suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder”. (FREUD, 1921, p.50).

A idealização é um processo que diz respeito ao objeto. Por meio deste processo, o objeto é enaltecido e engrandecido psiquicamente, sem haver uma alteração na sua natureza (FREUD, 1914, p.28)¹². Também no enamoramento, é visível uma superestimação sexual do objeto amado. Ele é quase isento de críticas e suas características são mais valorizadas do que as das outras pessoas. Nesse estado, uma grande quantidade de libido do eu é investida no objeto e esse passa a ser tratado como o próprio o eu. O objeto é amado pelas características que o indivíduo aspirou para o seu próprio eu, ou seja, ele serve para substituir um ideal que o eu não alcançou. O fenômeno da idealização difere do da identificação, pois nele o eu se enriquece com os atributos do objeto. No caso da identificação, o objeto consome o eu, torna-se a coisa mais importante, e o eu se torna cada vez mais menos exigente.

No primeiro caso [enamoramento] o Eu se enriqueceu com os atributos do objeto, “introjetou-o”, na expressão de Ferenczi; no segundo [identificação] ele está empobrecido, entregou-se ao objeto, colocou-o no lugar de seu mais importante componente (FREUD, 1921, p.56).

A hipnose tem uma estreita relação com o enamoramento. O indivíduo se sujeita ao hipnotizador, que assume o papel do objeto amado. O eu só dá atenção a ele e obedece todas suas demandas. Freud diz que:

¹² No grupo, o líder é idealizado e é exatamente quem assume o papel do hipnotizador de Le Bon.

“A relação hipnótica é uma irrestrita entrega enamorada em que se acha excluída a satisfação sexual, enquanto no enamoramento esta é empurrada temporariamente para trás e fica em segundo plano, como uma possível meta futura”. (FREUD, 1921, p.57).

No enamoramento, há a existência simultânea de impulsos sexuais diretos e inibidos na meta. Na hipnose, assim como no grupo, só há a existência de impulsos inibidos na meta. Pode-se dizer que a formação de uma massa é quase idêntica à hipnose, se distinguindo pelo número de pessoas que cada uma envolve e pelo fato de que na massa há identificação com os outros membros, não só com o líder. A relação que o hipnotizador mantém com o hipnotizado é a mesma que o líder mantém com a massa. Le Bon apontou para esse fenômeno, contudo não identificou quem substituíria o hipnotizador no grupo; ele não percebeu que os sentimentos e pensamentos de um grupo são guiados em certa direção devido à figura do líder. Freud analisa dois tipos de massas artificiais, o Exército e a Igreja, para mostrar a importância do líder na constituição de um grupo. Nesse percurso, fica clara a necessidade que os indivíduos têm de serem guiados por outro. No caso do Exército, o soldado pega como o ideal o seu superior e se identifica com os seus companheiros. Na Igreja, cada pessoa tem Cristo como ideal e se sente ligada aos demais pela identificação. Fica claro que, em ambos os casos, cada pessoa está ligada libidinalmente ao líder – na Igreja, Cristo e no exército, o superior - e também aos outros indivíduos da massa¹³. Isso só é possível porque *“o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder”.* (FREUD, 1921, p.72).

O ideal do eu é, portanto, um modelo que o eu busca atingir para recuperar o que perdeu na infância e *“a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por “modelo”* (FREUD, 1921, p.48). Depreende-se, então, que por trás do ideal do eu, mais tarde assimilado como supereu, há a mais importante identificação do indivíduo: a identificação com o pai. O ideal do eu é herdeiro do complexo de Édipo e se origina da internalização dos valores morais dos pais e da sociedade. É a instância psíquica responsável pela censura e pela consciência moral. O ideal do eu é um precipitado no eu e *“conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o*

¹³ FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu. p.37.

Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa” (FREUD, 1923, p. 32).

A identificação é a forma original de laço emocional com o objeto. No complexo de Édipo, é o mecanismo de identificação que configura o eu a partir do modelo do pai (ou da mãe). No caso do menino, por exemplo, ao mesmo tempo em que ele se identifica com o pai, ele começa a ter um investimento objetal na mãe. Esses sentimentos coexistem por certo tempo, mas depois o menino começa a enxergar o pai como um obstáculo entre ele e a mãe. Em consequência, sua identificação com o pai se torna hostil e igual ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. O menino passa a querer eliminar o pai, assim como na organização da fase oral, na qual o indivíduo incorpora o objeto desejado comendo-o e, conseqüentemente, eliminando-o enquanto objeto. A identificação, aqui, faz com que o sujeito adote características do objeto; a identificação remodela o eu a partir do objeto incorporado.

Conflitos entre o eu e o ideal do eu implicarão na oposição mundo externo e mundo interno (FREUD, 1923, p.33). Quando o indivíduo apreende a polaridade eu-mundo externo, ele abandona o estágio narcísico e dá lugar ao estágio do objeto (FREUD, 1915, p.55). Sua libido passa a ser investida no mundo externo e não somente nele mesmo.

“Assim, com o ato de nascer passamos do narcisismo absolutamente autossuficiente à percepção de um mundo exterior variável e ao começo da busca de objetos [...]”. (FREUD, 1921, p.73).

Como visto no capítulo anterior, é exatamente o investimento libidinal em objetos que marca a relação com o outro. O desenvolvimento do eu implica em um distanciamento do narcisismo primário, em um deslocamento da libido para um ideal do eu imposto de fora, e só haverá satisfação quando este ideal for cumprido (FREUD, 1914, p.33). No texto *Introdução ao narcisismo*, Freud já reconhece a importância do ideal do eu para a compreensão da psicologia de grupo:

“Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação”. (FREUD, 1914, p.34).

Para Freud, o líder assume o papel do pai primordial¹⁴ e esse pai é justamente o ideal da massa, que tem a capacidade de dominar o eu ao invés do ideal do eu¹⁵. O ideal do eu é projetado no líder através da identificação. O líder se torna, assim, o objeto que domina o eu e a referência de autoridade dos indivíduos de uma massa. No grupo, há uma limitação do narcisismo - que, segundo Freud, só é possível por uma ligação libidinal com outras pessoas -, e a vontade do grupo se sobressai sobre a vontade individual. O líder, quando assume o lugar do ideal do eu, faz com que os membros do grupo se autossacrifiquem no intuito de ter sua proteção.

Na massa, o líder assume o papel de objeto de amor e consome o eu. O eu não é mais exigente e vê o objeto como a coisa mais importante, não hesitando em se autossacrificar em função dele. Quando o eu assume as características do objeto, ele está se impondo ao isso como objeto de amor, e tem o intuito de recompensar sua perda¹⁶. É como se o eu se oferecesse para amar o isso por semelhança ao objeto através da identificação. O eu não pode satisfazer o desejo do isso, pois o supereu o recrimina, mas, ao mesmo tempo, se ele não o faz, sofre pressões do isso. Dessa maneira, o eu assume as características do objeto desejado e perdido pelo isso para conquista-lo. Neste ponto, há uma clara relação com a melancolia. O melancólico se identifica com o objeto perdido. O objeto que toca a ira do supereu é acolhido pelo eu através da identificação (FREUD, 1923, p.48).

¹⁴ Freud recorre ao mito do pai da horda primordial para exemplificar a relação dos indivíduos de uma massa com o líder. "Ele [o pai da horda primordial] foi posteriormente elevado a criador do mundo, e com justiça, pois havia gerado todos os filhos que compunham o primeiro grupo. Ele era o ideal de cada um deles, venerado e temido ao mesmo tempo, algo que viria a resultar na noção de tabu. Esses filhos se juntaram numa ocasião, e o mataram e despedaçaram. Nenhum dos membros vencedores pôde se colocar no seu lugar, ou, quando um deles o fez, renovaram-se as lutas, até perceberem que todos tinham que renunciar à herança do pai. Então formaram a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições do totem, destinadas a preservar e expiar a memória do assassinio. Mas continuou a insatisfação com o que haviam alcançado, e tornou-se a fonte de novos desenvolvimentos. Pouco a pouco os irmãos coligados foram reproduzindo o velho estado num novo nível, o macho tornou-se outra vez chefe de uma família e quebrou os privilégios do governo de mulheres que se havia instituído no período sem pai. Para compensar isso, ele pode ter reconhecido então as divindades maternas, cujos sacerdotes foram castrados para segurança da mãe, conforme o exemplo que o pai havia dado à horda primordial; mas a nova família era apenas uma sombra da antiga, os pais eram muitos e cada qual restringido pelos direitos dos demais". (FREUD, 1921, p.79). O pai era aquele que gozava sem restrições. Seus filhos, cansados de não poderem gozar também resolveram matá-lo, mas as desavenças continuaram e eles acabaram cumprindo a vontade do pai morto. É como se o pai morto fosse tomado como ideal. A morte do pai que possibilitou o estabelecimento de ordem em um grupo.

¹⁵ FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. p.71.

¹⁶ O eu tenta controlar as pulsões do isso e conciliá-las com a realidade, dessa forma, o Isso não tem suas vontades atendidas sem restrições. É nesse sentido que se fala em uma 'perda'.

Diferentemente da melancolia, patologia na qual o sujeito identifica-se totalmente com o objeto perdido, ou seja, se torna o próprio objeto, no grupo, o sujeito identifica-se apenas parcialmente com o líder e com os outros integrantes. O líder se torna o objeto de amor e, quando o objeto é fonte de sensações prazerosas, há uma tendência de tentar aproximá-lo do eu; diz-se, portanto, que se ama esse objeto (FREUD, 1915b, p.55). Com o investimento no objeto é possível diferenciar uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do eu. A pulsão sexual que une o grupo “ama” o objeto que a satisfaz, e no caso do grupo esse objeto é o líder.

Freud constatou que no grupo o indivíduo abandona suas peculiaridades e permite que os outros o influenciem, fatos que ocorrem porque há uma necessidade de estar em harmonia com o grupo e não em desacordo. O motivo que Freud sugere para que isso ocorra é justamente o amor. O indivíduo age dessa maneira por amor aos membros da massa (FREUD, 1921, p.34). Ademais, a redução da capacidade intelectual, a falta de iniciativa do sujeito, e a tendência de transformar pensamentos em atos, características presentes na massa, apontam uma regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, que Freud descreve como a situação da hora primeva. Nesta situação, a vontade do indivíduo era muito fraca, e ele não arriscava agir. Só agia de acordo com a vontade coletiva. Dessa maneira, Freud considera a massa como sendo uma revivescência da horda primeva, na qual o líder assume o lugar do pai primordial, que depois de assassinado, foi divinizado. Na massa os indivíduos têm a necessidade de serem amados igualmente e justamente pelo líder, contudo, esse ideal de justiça não se aplica ao líder.

“[...] a exigência de igualdade vale apenas para os indivíduos, não para o líder. Os indivíduos devem ser iguais entre si, mas todos querem ser dominados por um só”. (FREUD, 1921, p.65).

Conforme Freud, a justiça social consiste em que o indivíduo abre mão de certas coisas, para que os outros também o façam. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência moral e do sentimento de dever (FREUD, 1921, p.64). No entanto, na massa, o líder é eximido dessa exigência; ele tem uma natureza narcísica e lhe é concedido o direito de ser senhor. Além disso, é justamente o amor que limita o narcisismo e isso é o que permite a formação da sociedade.

Le Bon também faz considerações acerca do papel do líder. De acordo com ele, quando os indivíduos se juntam em um grupo eles têm a necessidade de serem guiados por um senhor e logo

se colocam sob a autoridade dele. O líder teria sua importância pelas ideias em que acredita; é a vontade do líder que guia os outros membros, e o poder tanto do líder, quanto dessas ideias estaria relacionado ao que Le Bon denomina de prestígio.

O prestígio é na realidade uma espécie de fascínio que um indivíduo, uma obra, ou uma doutrina exerce sobre nosso espírito. Esse fascínio paralisa todas as nossas faculdades críticas e enche nossa alma de assombro e respeito [...] O prestígio é o motor mais poderoso de toda dominação (LE BON, p.122).

Freud analisa as considerações que Le Bon fez sobre o papel do líder, mas, para ele, o prestígio não explica bem o poder que o líder exerce sobre a massa. A explicação para tanta influência estaria, na verdade, no lugar que o líder assume: o lugar do ideal do eu. A massa é considerada então, por Freud, como *“uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu”* (FREUD, 1921, p.59). É a identificação que permite a limitação do narcisismo e a formação de um sentimento social. Através dela o indivíduo abre mão de suas particularidades para conviver com os outros. O mecanismo de identificação é um processo crucial para a constituição do sujeito, pois é através dela que a relação com o outro é estabelecida.

No texto *O Ego e o Id*, Freud propõe uma nova divisão do aparelho psíquico que fica conhecida como segunda tópica. Na segunda tópica, o aparelho anímico passa a ser dividido em três instâncias: eu, isso e supereu. Ademais, nesse texto, Freud amplia o conceito de ideal do eu e o assimila a instância do supereu. O eu deixa de ser entendido como o reservatório das pulsões, e essa função é atribuída ao isso.

Freud inicia o texto afirmando que a premissa básica da psicanálise é a separação entre consciente e inconsciente. A essência da vida anímica estaria no inconsciente. Nesse ponto do texto, Freud contrapõe o inconsciente ao estado de estar consciente – o consciente é aqui uma qualidade; um estado no qual o ser invoca a percepção imediata das coisas. Sendo assim, o conceito de consciente tem a característica descritiva.

Quando uma representação consciente deixa de ser consciente em um momento posterior, mas pode voltar a ser consciente, Freud fala em pré-consciente. Dessa maneira, Freud divide o inconsciente em latente e reprimido. O inconsciente latente corresponde ao pré-consciente.

É típico, isto sim, que o estado de consciência passe com rapidez; uma ideia agora consciente não o é mais no instante seguinte, mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se produzirem. Nesse intervalo ela era ou estava — não sabemos o quê. Podemos dizer que era *latente*, com isso querendo dizer que a todo momento era *capaz de tornar-se consciente*. Ou, se dissermos que era *inconsciente*, também forneceremos uma descrição correta. Este “inconsciente” coincide com “latente, capaz de consciência”. (FREUD, 1923, p.12).

Até esse ponto, Freud concebe o inconsciente do ponto de vista descritivo. No sentido dinâmico, o inconsciente envolve processos ou ideias psíquicas. Do ponto de vista econômico, o inconsciente envolve todos os efeitos que esses processos podem ter na vida psíquica, *todos os efeitos que têm as demais ideias, incluindo efeitos tais que por sua vez podem tornar-se conscientes como ideias, embora eles mesmos não se tornem conscientes* (FREUD, 1923, p.12).

Dessa maneira, o inconsciente na perspectiva dinâmica existe devido à força resistência, que não permite que ideias inconscientes se tornem conscientes. Freud define a resistência como *a força que provocou e manteve a repressão* (FREUD, 1923, p.13). Assim, o reprimido é o modelo do que é inconsciente.

Após essas considerações, Freud expõe como os processos anímicos conscientes são organizados. A descarga de excitações provenientes do mundo externo é uma função atribuída ao eu. Ao eu, portanto, está ligada a parte consciente da personalidade, que lida com as percepções. Freud compreende o eu como sendo, primeiramente, uma parte do isso (instância psíquica que se comporta como inconsciente e que é a fonte de energia psíquica) que por influência do meio externo teve que se diferenciar deste. O eu recebe e organiza as informações externas, dando coerência à "pessoa". É o eu que também estrutura as repressões, não deixando emergir à consciência determinadas ideias. Para Freud, o eu é a instância que parte do sistema perceptivo e que abrange o pré-consciente, pois algo só pode se tornar consciente se já tiver sido percepção consciente.

“É fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície”. (FREUD, 1923, p.22).

O eu também possui um importante aspecto funcional: controla a motilidade¹⁷. Ademais, ele tenta controlar as pulsões do isso e conciliá-las com a realidade. Ele transforma em ação o desejo do isso e, muitas vezes, o faz como se fosse sua própria vontade. Ele é o responsável pela substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade.

A ligação do eu com a percepção, e o fato dele ser responsável pela motilidade, refletem, portanto, sua correlação com a consciência. Todavia, no decorrer de análises clínicas, Freud constatou que os pacientes sentiam dificuldade em fazer associações, quando o analista se aproximava do conteúdo recalcado. Essa dificuldade é a força resistência, que emerge do eu. Partindo disso, ficou claro, para ele, a existência de uma parte do eu que é inconsciente.

Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente. (FREUD, 1923, p.15).

A constatação de uma parte do eu inconsciente faz com que o recalcado e o inconsciente não se coincidam. Logo, o inconsciente deixa de ser substantivo e passa a ser adjetivo.

“Reconhecemos que o Ics não coincide com o reprimido; continua certo que todo reprimido é ics, mas nem todo Ics é também reprimido”. (FREUD, 1923, p.15).

Freud relaciona a parte inconsciente do eu aos mecanismos de defesa e ao mecanismo de identificação. Não obstante, o autor reconhece a existência de outros processos psíquicos de origem inconsciente. Esses processos seriam a autocrítica e a consciência moral, e estariam relacionados à instância psíquica do supereu. Sendo assim, na parte III do livro, Freud coloca o ideal do eu como sinônimo do conceito de supereu (FREUD, 1923, p.25) e discorre sobre a importância do mecanismo de identificação na formação do eu e do supereu.

Na fase oral, não é possível diferenciar entre as catexias objetais e a identificação. Quando o eu ainda é fraco, ele percebe os investimentos de objetos do isso e se sujeita a eles, ou os reprime.

¹⁷FREUD, S. O Eu e o Id. p. 23.

Bem no início, na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetal e identificação provavelmente não se distinguem um do outro. Só podemos supor que mais tarde os investimentos objetais procedam do Id, que sente como necessidades os impulsos eróticos. O Eu, inicialmente ainda frágil, toma conhecimento dos investimentos objetais, aprova-os ou procura afastá-los mediante o processo da repressão. (FREUD, 1923, p.26).

Quando o indivíduo precisa renunciar a um objeto investido libidinalmente, ocorre um processo de identificação com o objeto. A identificação é a maneira do isso aceitar a perda do objeto; a mudança de uma relação objetal em uma modificação no eu é uma forma do eu dominar o isso. Como dito anteriormente, o eu, por meio da identificação com o objeto perdido, se apresenta ao isso como objeto de amor. Segundo Freud, essa transposição da libido objetal em libido do eu leva a uma renúncia das metas sexuais, a uma dessexualização e, assim, a uma espécie de sublimação (FREUD, 1923, p. 27).

Sendo assim, o isso é a fonte dos primeiros investimentos objetais. E, então, o eu, através da identificação com o objeto escolhido pelo isso, se apresenta como objeto da libido narcísica. Desse modo, o narcisismo do eu é entendido como um narcisismo secundário, visto que ocorre a partir da retirada da libido dos objetos.

As identificações do Complexo de Édipo marcam a constituição do eu e originam a instância psíquica supereu.

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu [...]. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu. (FREUD, 1923, p.31).

Para Freud, contudo, o supereu não é apenas produto das primeiras identificações com o objeto, mas uma formação reativa frente a elas. O supereu é, assim, uma formação dentro do eu que se empenha na repressão do complexo de Édipo como um impedimento para a satisfação das pulsões. O supereu é herdeiro do complexo de Édipo, e retém o caráter do pai, ou seja, é um representante das interdições dos pais que se apresenta sob a forma de consciência moral.

O presente capítulo teve o objetivo de aprofundar o conceito de identificação a partir da análise das massas, bem como introduzir o conceito de supereu, que será crucial para o entendimento do processo civilizatório, a ser trabalhado no próximo capítulo. Desde o seu nascimento, o ser humano está sempre em relação com o outro. Ele nasce totalmente dependente

de cuidados para sobreviver, e suas primeiras relações são com seus cuidadores. Todavia, quando se torna adulto, o homem sempre faz parte de grupos, seja uma nação, uma torcida organizada, ou uma religião. Dentro dessas massas, ele está se relacionando com várias pessoas e ficou evidente as implicações psíquicas que isso tem para o psiquismo humano. O indivíduo escolhe determinado grupo por se identificar com um ideal em comum e nessa relação abre mão de suas vontades individuais para não entrar em conflito com os outros. É o mecanismo de identificação que permite a formação social: através dele o indivíduo limita seu narcisismo e se une a outras pessoas sem que haja nessa relação um caráter sexual. Na psicologia das massas, há uma oposição entre o narcisismo e o sentimento social. No narcisismo, o indivíduo satisfaz suas pulsões sem precisar recorrer a outras pessoas. Na massa, o indivíduo limita seu narcisismo e investe sua libido nos outros indivíduos, ou seja, em objetos. A identificação permite que os impulsos sexuais sejam inibidos, até mesmo sublimados, e, assim, se forma um sentimento social.

3 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

No capítulo anterior, concluiu-se que o mecanismo de identificação é condição necessária para a formação de grupos. É esse processo que permite a relação com o outro, e em consequência, a limitação do narcisismo. Ademais, foi investigada a instância psíquica ideal do eu e algumas de suas implicações sobre a vida anímica do indivíduo. Neste capítulo, será abordado o texto *O Mal-estar na civilização*, levando-se em conta o mecanismo de identificação e o papel do supereu na formação da sociedade. Além disso, o presente capítulo tem o intuito de avaliar se o ‘mal-estar’ produzido pela sociedade, justamente pela oposição entre as suas exigências e as das pulsões individuais, pode ser contornado, permitindo que o sujeito alcance a felicidade.

No texto *O Mal-estar na civilização*, Freud, ao analisar a civilização, constata que ela produz um sentimento de mal-estar nos seres humanos, visto que suas exigências são incompatíveis com as das pulsões. Segundo ele, o homem civilizado não é capaz de alcançar a felicidade (satisfação pulsional, no sentido estrito), pois em sociedade suas moções pulsionais são contidas.

Retomando a pergunta clássica acerca da finalidade da vida, Freud afirma que o objetivo do homem é atingir e manter a felicidade:

Então passaremos à questão menos ambiciosa: o que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que pedem eles e desejam nela alcançar? É difícil não acertar a resposta: eles buscam a felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. (FREUD, 1930, p.20).

De acordo com ele, a busca pela felicidade tem duas metas: uma negativa (a ausência de dor e desprazer), e uma positiva (a experiência de fortes prazeres). No sentido estrito, felicidade corresponderá somente à meta positiva. Ou seja, corresponderá à satisfação imediata de necessidades represadas. (FREUD, 1930, p. 21). Assim sendo, conforme Freud, é o princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Todavia, todo o Universo, incluindo civilização, não está de acordo com esse programa, o que impossibilita o indivíduo de alcançar a felicidade no sentido estrito do termo.

Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do aparelho psíquico

desde o começo da vida; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação”. (FREUD, 1930, p.21).

Ao contrário da felicidade, o estado de infelicidade é muito mais fácil de se experimentar. Segundo Freud, há três fontes que causam sofrimento ao ser humano: o próprio corpo, o mundo externo e as relações com outras pessoas – sendo essa última, a fonte de sofrimento que o indivíduo experimenta de forma mais dolorosa. Nesse sentido, Freud examina algumas técnicas que os homens utilizam para evitar o sofrimento e alcançar a felicidade em um sentido moderado. Para evitar o sofrimento proveniente das relações com outras pessoas, o indivíduo pode se isolar voluntariamente e até mesmo se afastar do mundo externo para escapar de suas adversidades. Através da ciência, o indivíduo pode controlar a natureza e fazer com que ela se sujeite a ele. Igualmente, outra técnica para escapar do sofrimento e atingir o estado de felicidade é a intoxicação. Esse método é interessante, pois influencia o próprio organismo e promove tanto uma obtenção rápida de prazer, quanto uma independência do mundo externo:

“Sabe-se que com ajuda do ‘afasta-tristeza’ podemos nos subtrair à pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade’. (FREUD, 1930, p.23).

Freud também aponta o aniquilamento das pulsões como outra maneira de evitar o sofrimento. Segundo ele, esse tipo de defesa não se refere ao aparelho sensorial, mas tem o objetivo de controlar as fontes internas das necessidades. Nessa técnica, a felicidade alcançada é a da quietude. A não satisfação das pulsões domadas não é sentida tão dolorosamente como as das pulsões não inibidas. No entanto, esse mecanismo de defesa tem como consequência a diminuição na capacidade de obter prazer, pois *‘a sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado’.* (FREUD, 1930, p.24).

A sublimação é outra técnica para fugir do sofrimento. Ela consiste em um processo pelo qual o prazer é obtido através das fontes de trabalho psíquico e intelectual. A libido é deslocada para outras metas. Contudo, Freud aponta para a fraqueza desse método: ele não é de aplicação geral. Na sublimação, há o intuito de se tornar independente do mundo externo, através da

satisfação em processos internos. Igualmente, as ilusões também são formas de evitar o sofrimento, visto que a relação com a realidade é mais fraca.

Freud aponta que a técnica mais próxima da felicidade completa é a ‘[...] *orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amar e ser amado*’. (FREUD, 1930, p.26). Segundo ele, o amor sensual, uma das expressões do amor, proporciona uma sensação de prazer muito forte, e dá o modelo do que é a felicidade. Todavia, essa técnica pode causar intenso sofrimento se o objeto amado for perdido. Apesar disso, depreende-se que é possível obter prazer amando várias pessoas de uma massa, mas, nessa situação, o amor sexual é inibido em sua meta, e a felicidade é moderada. De acordo com Freud, apenas uma minoria consegue obter prazer dessa maneira devido à própria constituição psíquica. Essas pessoas dão mais importância para o ‘amar’ do que para o ‘ser amado’. Elas se protegem da perda do objeto amado voltando seu amor para todos os indivíduos igualmente. Com isso, atingem um estado de felicidade estável, visto que evitam as decepções do amor sexual, transformando a pulsão sexual em um impulso inibido na meta¹⁸.

Assim sendo, é possível perceber que as técnicas citadas só permitem alcançar uma felicidade moderada, nunca uma felicidade plena. Ademais, para Freud, a técnica para se atingir o estado de felicidade fica a critério de cada pessoa. Cada indivíduo deve descobrir por conta própria o caminho da felicidade.

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização. Nisso há diferentes caminhos que podem ser tomados, seja dando prioridade ao conteúdo positivo da meta, a obtenção de prazer, ou ao negativo, evitar o desprazer. Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos. No sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema de economia libidinal do indivíduo. Não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz. (FREUD, 1930, p.27).

Com a introdução do princípio de realidade, que marca a separação eu-mundo externo, o indivíduo deixa de buscar somente a satisfação das pulsões ligadas à sobrevivência, e se torna um ser social, investindo parte de sua libido em outras pessoas. Seus desejos passam a ser organizados em função das exigências da sociedade. Segundo Freud, a civilização exige uma renúncia pulsional, causando sofrimento ao homem, mas essa exigência é condição necessária

¹⁸ FREUD, S. Mal-estar na civilização. p.42.

para a sua existência. Nesse sentido, o princípio de realidade adia a satisfação e tolera o desprazer. A aspiração à felicidade se torna modesta, e o indivíduo considera-se feliz somente por conseguir evitar o desprazer, uma vez que as vontades individuais em alguma medida se submetem às vontades da sociedade.

Freud começa sua análise da civilização a partir da afirmação de que boa parte da culpa pela miséria que as pessoas sentem vem da civilização, e que se os indivíduos retornassem a condições primitivas, seriam mais felizes. Conforme o autor, muitas pessoas chegaram a essa mesma conclusão devido a algumas ocasiões históricas que permitiram a condenação do estado civilizacional. A última ocasião apontada por ele é o conhecimento do mecanismo das neuroses. O indivíduo se torna neurótico quando não suporta as restrições que a sociedade impõe. Se essas restrições fossem abolidas ou amenizadas, significaria um retorno à possibilidade de ser feliz. De acordo com Freud, outro fato que aponta para a insatisfação com a civilização é que apesar dos progressos nas ciências naturais, do domínio sobre a natureza, os indivíduos não se sentiram mais felizes. Ou seja, os avanços na ciência não elevaram o grau de satisfação das pessoas.

Partindo disso, Freud se atenta, então, para a essência da civilização. Segundo ele, “[...] *“civilização” designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si*”. (FREUD, 1930, p.33). O traço que melhor caracteriza a civilização, em conformidade com Freud, é o apeço e a dedicação pelas atividades psíquicas mais elevadas: a intelectual, a científica e a artística. Outra característica da civilização muito importante é a regulamentação das relações sociais, ou seja, das relações entre indivíduos. A vida em sociedade só é possível quando uma maioria é mais forte que qualquer indivíduo isolado. Nesse sentido, a “[...] *substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo cultural decisivo. Sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite*”. (FREUD, 1930, p.38). O que decorre disso é a exigência de justiça. A exigência da existência de uma lei, que uma vez estabelecida, não pode ser violada em favor de um único indivíduo. Como resultado, tem-se um direito para o qual todas as pessoas contribuem com o sacrifício de suas pulsões, e que as protegerá da força bruta de um indivíduo isolado. Assim sendo, pode-se pensar, então, que os indivíduos abrem mão de seus desejos individuais em troca da proteção oferecida pela civilização.

A vida em sociedade teve, segundo Freud, um duplo fundamento: a compulsão ao trabalho e o poder do amor. O trabalho é a ferramenta que o homem tem para melhorar suas condições no mundo e, nesse aspecto, o outro passou a ser visto como um colaborador com quem era útil viver. O amor, por sua vez, foi o que permitiu o estabelecimento de uniões duradouras entre os indivíduos.

Tendo isso em vista, Freud narra o surgimento da cultura a partir do mito do pai da horda primeva, descrito no livro *Totem e Tabu* e retomado em vários textos. Como dito no capítulo anterior, segundo esse mito, havia um pai que gozava irrestritamente. Seus filhos, cansados dessa postura, resolveram matá-lo. Disso surgiu uma comunidade totêmica de irmãos e um ‘‘contrato social’’ para que nenhum dos filhos ocupasse o lugar do pai. Foi com o assassinato do pai que uma organização social começou a surgir. Um ponto crucial da narrativa é a aversão ao incesto adquirida depois da morte do pai. O tabu do incesto é justamente a primeira lei que permite a formação de uma sociedade.

Em *Totem e Tabu* procurei mostrar o caminho que levou dessa família [primitiva] ao estágio seguinte da vida em comum, os bandos de irmãos. A vitória sobre o pai havia ensinado aos filhos que uma associação pode ser mais forte que o indivíduo. A cultura totêmica baseia-se nas restrições que eles tiveram que impor uns aos outros, a fim de preservar o novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro ‘‘direito’’. (FREUD, 1930, p.41).

A proibição do incesto ressalta um aspecto importante da civilização: a repressão da sexualidade. Como visto no capítulo anterior, o amor não sensual, aquele inibido na meta, que permite a união duradoura entre pessoas. O amor sexual, sozinho, se desfaz com a satisfação. Freud afirma que o amor que fundou a família é sexual, ou seja, não renuncia a satisfação sexual direta. Assim, de acordo com Freud:

‘‘O amor inibido na meta foi, na origem, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente humano’’. (FREUD, 1930, p.41).

Freud afirma que o amor genital (sexual) é o que proporciona a vivência mais forte de satisfação ao indivíduo. Contudo, nesse estado, o indivíduo fica vulnerável ao sofrimento máximo quando é desprezado pelo objeto amado. Tanto o amor genital, quanto o amor inibido na meta estão presentes na civilização, e em ambas as formas há a intenção de unir uma quantidade

de pessoas. Contudo, o amor vai contra os interesses da sociedade, e a sociedade o ameaça com restrições. Esse conflito pode claramente ser visto nas divergências entre a família e a comunidade mais ampla da qual o indivíduo faz parte. A sociedade se empenha em unir os homens em grandes grupos, mas a família não está disposta a ceder o sujeito facilmente. Quanto mais forte for a união entre os membros de uma família, mais dificilmente eles ingressarão em grupos maiores. Além disso, em sociedade, a escolha objetal do indivíduo adulto é restringida ao sexo oposto, e outras formas de satisfação são encaradas como perversão. A vida sexual do homem social fica seriamente prejudicada, e a exigência de uma vida sexual uniforme para todos ignora as diferenças na constituição sexual do indivíduo, privando várias pessoas do prazer sexual. Assim, a repressão da sexualidade torna-se uma das fontes de infelicidade impostas pela civilização e conforme Freud:

A vida sexual do homem civilizado está mesmo gravemente prejudicada. Às vezes parece uma função que se acha em processo involutivo, como nossos dentes e nossos cabelos enquanto órgãos. Provavelmente é lícito supor que como fonte de sensações felizes, ou seja, no cumprimento de nossa finalidade de vida, sua importância diminuiu sensivelmente. (FREUD, 1930, p.45).

Além de restringir a sexualidade, a sociedade também reprime a agressividade. A sociedade prega que as pessoas devem amar o próximo como a si mesmas; prega um amor universal. Nada obstante, o que está por trás disso, segundo Freud, é o fato de que o ser humano não é uma criatura cheia de amor, mas sim uma criatura com fortes tendências a agressividade. Nesse sentido, a civilização tem que se empenhar para conter as pulsões agressivas do homem e é daí que surge

[...] o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições à vida sexual e também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, que verdadeiramente se justifica pelo fato de nada ser mais contrário à natureza humana original. (FREUD, 1930, p.50).

Freud afirma que a agressividade é uma expressão da pulsão de morte. Como dito anteriormente, a pulsão de morte impele à destruição do indivíduo, tende a conservar um estado mais primitivo e retornar a ele. Nesse sentido, o objetivo de toda a vida seria a morte, pois apesar das pulsões terem uma natureza conservadora, manifesta no intuito de fazer com que o organismo retorne a um estado anterior, um estado inanimado, elas buscam atingir essa finalidade por meio

de leis internas. Eros introduz excitações para manter o indivíduo vivo, mas a vida seria um desvio para se atingir a meta da morte.

Os instintos orgânicos conservadores acolheram cada uma dessas mudanças impostas ao curso da vida e as preservaram para a repetição, e assim produzem a enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao progresso, quando apenas tratam de alcançar uma antiga meta por vias antigas e novas. Também essa meta final de todo esforço orgânico pode ser indicada. Seria contrário à natureza conservadora dos instintos que o objetivo da vida fosse um estado nunca antes alcançado. Terá de ser, isto sim, um velho estado inicial, que o vivente abandonou certa vez e ao qual ele se esforça por voltar, através de todos os rodeios de seu desenvolvimento. Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*. (FREUD, 1920, p.149)

Freud (1930) acentua que é difícil perceber a atuação da pulsão de morte, pois ela se funde à pulsão de vida, tornando-se indiferenciável desta última. A pulsão de morte aparece apenas como um resíduo de Eros. O trabalho da pulsão de morte é mais visível quando ela aparece na forma de pulsão de agressão (ou pulsão destrutiva), ou seja, quando ela é exteriorizada. A pulsão de agressividade é, portanto, a pulsão de morte voltada para o exterior e sua meta é a destruição do objeto. Dentro de um grupo, as pulsões de morte são neutralizadas pelo poder de Eros, mas uma parcela ainda é dirigida para o exterior na forma de agressividade. A ligação libidinal com o líder é o que permite que essas tendências à agressividade não atinjam o próprio grupo, mas sejam voltadas para aqueles que não pertencem a ele. Ou seja, a pulsão de agressão é reprimida dentro do grupo, mas se manifesta contra grupos rivais, contra outras nações, etc.

Evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor a agressividade; não se sentem bem ao fazê-lo. Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. (FREUD, 1930, p.51).

Aqui vale ressaltar um ponto trabalhado por Freud em *Psicologia das Massas e análise do Eu*: quando as relações libidinais dentro de uma massa são prejudicadas, quando os indivíduos não se sentem mais amados pelo líder, os impulsos agressivos aparecem e acarretam na

desintegração do grupo. Freud (1921) afirma que uma das possibilidades em que o pânico surge é justamente o fim dos laços amorosos que mantém um grupo unido.

Posto isso, com o texto *O Mal-estar na civilização*, Freud situa a pulsão de agressividade como um aspecto elementar da vida em sociedade. A civilização se empenha em reprimir essa pulsão, mas seus métodos não são completamente eficazes. Dessa maneira, concebendo a pulsão de agressividade como a manifestação de uma pulsão originária, Freud a considera o maior obstáculo à civilização, visto que esta está a serviço de Eros e busca unir os indivíduos em massas coesas.

Essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente entre si; a necessidade apenas, as vantagens do trabalho em comum não as manterão juntas. Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um. Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo. (FREUD, 1930, p.58).

Sendo assim, o cenário da civilização é uma luta entre Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte). De um lado, Eros tenta unir os indivíduos em uma grande unidade. De outro, Tânatos, pulsão de agressividade, tende a uma hostilidade de um indivíduo para com o outro.

Freud ressalta que mesmo quando as pulsões de agressividade são moderadas, sua satisfação está claramente ligada a um prazer narcísico, visto que a pulsão de destruição dirigida aos objetos deve dar ao Eu a realização de suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza. Como é colocado no Dicionário Internacional da Psicanálise, a pulsão de agressividade *“comporta sempre um prazer que é, em última instância, de natureza sexual, extraído do ataque do outro, e mantém-se o propósito de destruir o objeto”*.

Segundo Freud, dentro da civilização, a agressividade é internalizada, voltando-se contra o eu, mas é acolhida por uma parte dele: o supereu. Essa instância, que aparece como uma consciência moral, exerce contra o eu a mesma agressividade que o eu gostaria de direcionar aos objetos. O supereu controla o eu, impedindo que ele realize irrestritamente os desejos do mesmo. Assim sendo, há uma tensão entre o supereu e o eu, que aparece na forma de sentimento de culpa, e essa é a maneira que a sociedade controla o prazer em agredir do indivíduo. A sociedade faz com que o indivíduo seja constantemente vigiado por uma instância no seu interior. A introjeção

da agressividade como sentimento de culpa é o método mais eficaz do qual a civilização irá se utilizar para conter as tendências hostis do ser humano.

Freud aponta duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade, que obriga o indivíduo a renunciar a suas pulsões, e o medo do supereu, que castiga o indivíduo, uma vez que este não consegue esconder seus desejos proibidos. No primeiro caso, renuncia-se a satisfação para não perder o amor de uma autoridade externa. No segundo, também há uma renúncia pulsional, mas a vontade de realizar as pulsões continua e não é possível escondê-la do supereu. Dessa forma, para Freud, na segunda origem do supereu:

A renúncia instintual já não tem efeito liberador, a abstenção virtuosa já não é recompensada com a certeza do amor; um infortúnio que ameaça a partir de fora – perda do amor e castigo da autoridade externa – é trocado por uma permanente infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa. (FREUD, 1930, p.63).

Portanto, o sentimento de culpa tem duas origens: uma externa e uma interna. Quando a criança internaliza a hostilidade que gostaria de dirigir ao pai, que priva a satisfação de suas pulsões, ela introjeta a autoridade externa e se identifica com ela, dando origem ao supereu. Desse modo, o medo passa a ser de uma autoridade interna, da qual nenhum pensamento pode ser escondido. Quando o pai – autoridade externa – exige uma renúncia pulsional, e ela é feita, não há mais o que temer; o amor é recompensa garantida. No caso do supereu, mesmo com o sacrifício pulsional, ele pune o indivíduo somente pelas suas vontades “proibidas”. Não há diferença entre pensamento e ato, e, assim, a instalação do supereu acarreta em uma angústia diante da consciência de culpa. Nesse sentido, como a renúncia pulsional não é mais suficiente, e como as ideias proibidas não podem ser escondidas, o supereu acaba gerando um sentimento de culpa difuso e uma constante infelicidade interna. Ademais, a cada renúncia, o supereu se torna mais severo, pois apesar do sacrifício pulsional, a vontade de satisfação permanece.

Além disso, Freud afirma que o sentimento de culpa se formou com o assassinato do pai da horda primeva. Naquele episódio, não houve a supressão da agressão, entretanto houve arrependimento por parte dos irmãos que cometeram o assassinato. O sentimento de arrependimento seria resultado da ambivalência afetiva: os filhos odiavam o pai, mas também o amavam. Desse modo, depois que o ódio se satisfiz com o assassínio do pai, o amor apareceu na forma de arrependimento e, assim, o supereu se estabeleceu por identificação com o pai. De

acordo com Freud, o sentimento de culpa é expressão justamente do conflito entre amor e ódio; entre Eros e pulsão de morte¹⁹.

Tendo em vista que a civilização obedece a uma pulsão de Eros, que tende a unir os homens em uma massa coesa, o fortalecimento do sentimento de culpa é a ferramenta que ela tem para alcançar sua finalidade. Assim, Freud considera o sentimento de culpa como ‘o problema mais importante da evolução cultural’ e afirma que ‘o preço do progresso cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa’. (FREUD, 1930, p.68)

Conforme Freud, o sentimento de culpa não é como os arrependimentos considerados normais. Ele é uma variação da angústia, e em fases posteriores é equivalente ao medo do supereu. Nesse sentido, em alguns momentos esse sentimento aparece à consciência, mas em outros se oculta; permanece inconsciente. O sentimento de culpa produzido pela civilização se manifesta como um mal-estar generalizado, ele é inconsciente, pois é resultado do conflito inconsciente entre os desejos do supereu e os do eu. Como o supereu não se contenta somente em recriminar algumas tendências do eu, mas faz dele o objeto de suas agressões, essas agressões não se manifestam para o exterior, mas sim para o interior, aparecendo como um sentimento de culpa inconsciente. Ademais, devido ao caráter onisciente do supereu, o sentimento de culpa pode ser gerado por um ato agressivo, mas também apenas por uma intenção de agressão. Nesse sentido, Freud afirma que:

‘O sentimento de culpa por arrependimento em virtude da má ação teria de ser sempre consciente, aquela por percepção do mau impulso poderia permanecer inconsciente’. (FREUD, 1930, p.71).

O processo civilizatório, assim como o desenvolvimento individual, é um processo vital. No desenvolvimento individual, há uma tendência em se unir com outros indivíduos, mas a meta principal é alcançar a felicidade, estabelecida pelo princípio do prazer. No desenvolvimento cultural, ao contrário, a meta principal é unir indivíduos em grupos. Ainda existe a meta de atingir a felicidade, mas ela é deixada em segundo plano. A tendência à felicidade individual e a de união com outras pessoas lutam entre si no interior de cada indivíduo, e o processo de evolução cultural e individual precisam disputar terreno. O indivíduo quer satisfazer suas pulsões

¹⁹ FREUD, S. O Mal-estar na civilização. p.67.

irrestritamente, mas também quer se unir a outras pessoas e para isso precisa ceder libido aos objetos. Surge, então, uma luta, no âmbito da libido, entre o individual e o social.

Freud estende sua analogia entre o social e o individual para o âmbito do supereu. Segundo ele, o supereu de uma época cultural tem origem similar ao de um indivíduo. O supereu de uma cultura se baseia na imagem de grandes líderes, de personalidades que foram importantes. Ademais, o supereu de uma cultura coloca várias exigências ideais ao eu, e quando essas não são cumpridas há punição.

Tendo em vista que a evolução cultural e a individual são similares, trabalham com os mesmos recursos, Freud se questiona se o diagnóstico de culturas neuróticas não é cabível²⁰. Os sintomas neuróticos são satisfações substitutivas para as pulsões não realizadas. E, em muitos casos, os neuróticos apresentam um sentimento de culpa inconsciente, que acarreta no fortalecimento dos sintomas, ao utilizá-los como castigo. Seguindo essa linha de raciocínio, Freud formula que *‘quando uma tendência sexual sucumbe à repressão, seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus componentes agressivos em sentimento de culpa’*. (FREUD, 1930, p.72). Dessa maneira, como a sociedade reprime as pulsões sexuais e as pulsões agressivas, e dirige a hostilidade para o supereu, causando um sentimento de culpa, há uma nítida correlação entre o processo civilizatório e a neurose.

Na obra *O Mal-estar na civilização*, Freud compreende a felicidade como satisfação pulsional. Nessa perspectiva, a civilização não permite a felicidade, no sentido estrito, porque impõe uma renúncia pulsional e um domínio sobre as pulsões. A satisfação que pode se obter não é tão intensa, visto que as pulsões são domadas. Desse modo, a civilização limita as possibilidades de se atingir a felicidade, pela repressão das pulsões, mas também gera um mal-estar nos indivíduos com a instalação do supereu. O mal-estar aparece como uma condição intrínseca da vida em sociedade; é um sentimento de culpa inconsciente, conseqüente da internalização das pulsões agressivas. Como a civilização é obra de Eros, ela se utiliza do fortalecimento do sentimento de culpa para conter as tendências agressivas do homem. Em conseqüência, há uma perda de felicidade pela intensificação da culpa. Assim, dentro da civilização não é possível atingir uma felicidade plena, pois o sujeito é constantemente perturbado por um mal-estar. A felicidade que pode ser alcançada é apenas efêmera e o caminho para atingi-la depende da constituição psíquica de cada indivíduo. Ou seja, a limitação da

²⁰ FREUD, S. *Mal-estar na civilização*. p. 77.

satisfação da pulsão sexual e da pulsão de agressividade, imposta pela civilização, gera um mal-estar, mais ou menos intenso dependendo da capacidade de cada indivíduo de suportar a renúncia pulsional exigida.

CONCLUSÃO

Esta monografia teve como objetivo investigar e caracterizar o arcabouço teórico que Freud fornece para compreender o vínculo social e suas implicações sobre a vida anímica do sujeito. O trabalho foi feito por meio de uma revisão bibliográfica das traduções de algumas obras de Freud. A partir da pesquisa, foram destacados os conceitos de identificação e de pulsão, bem como os de massa, supereu e mal-estar.

Para o primeiro capítulo, abordaram-se os principais conceitos metapsicológicos de Freud para compreender a gênese do sujeito. O conceito de narcisismo teve particular importância, por denotar um tipo de investimento libidinal, e por ser constituinte do sujeito. No período do narcisismo primário, o indivíduo é autossuficiente, satisfaz suas pulsões sem ter que recorrer a algo externo. A relação com o outro implica, assim, uma limitação desse narcisismo e um dispêndio de libido. Além disso, percebeu-se que a renúncia ao narcisismo infantil, imposta pelas regras morais dos pais e da sociedade, só é possível com a formação do ideal do eu como substituto. Esse ideal aparece como uma instância psíquica responsável pela censura e pela consciência moral. Outro ponto tratado foi o de pulsão de morte. Em 1920, Freud atribuiu à pulsão um caráter conservador, que tem por finalidade a morte. A partir disso, um novo dualismo pulsional foi proposto: pulsões de vida e pulsões de morte.

No segundo capítulo, o conceito de identificação, introduzido no primeiro capítulo, foi aprofundado e apareceu como a forma original de ligação com o objeto. No complexo de Édipo, é esse mecanismo que configura o eu a partir do modelo do pai (ou da mãe). A identificação é, dessa maneira, entendida como um processo pelo qual o sujeito internaliza os atributos de um outro e modifica-se de acordo com o que introjetou. A identificação remodela o eu a partir do objeto internalizado. Dessa maneira, é a identificação que permite a relação com o outro. No estudo da psicologia das massas, afirmou-se que o indivíduo escolhe determinado grupo justamente por se identificar com um ideal em comum. E, esse ideal é justamente o líder. Dentro de uma massa, o ideal do eu é projetado no líder através da identificação. O líder assume o papel de objeto de amor e domina o eu. Evidenciou-se também que há uma oposição entre o narcisismo e o sentimento social, visto que, no narcisismo, a libido é investida somente no indivíduo, e, na massa, essa libido precisa ser cedida a outras pessoas.

No terceiro e último capítulo, investigou-se o papel do ideal do eu, assimilado ao conceito de supereu por Freud, na constituição da civilização. Além disso, objetivou-se avaliar se o ‘mal-estar’ produzido pela civilização é contornável, permitindo que o indivíduo alcance a felicidade. Chegou-se a conclusão de que a civilização reprime tanto as pulsões sexuais quanto as pulsões agressivas do homem, causando, assim, infelicidade. Verificou-se que parte das tendências agressivas, apresentadas como expressão da pulsão de morte, são internalizadas pelo supereu. A tensão entre supereu e eu surge na forma de sentimento de culpa, e a civilização se empenha em fortalecer esse sentimento para conter os impulsos hostis do ser humano. O sentimento de culpa é sentido como um mal-estar generalizado e a felicidade que se pode alcançar, segundo Freud, é apenas efêmera. A civilização além de reduzir as possibilidades de satisfação pela repressão das pulsões, gera um intenso mal-estar com a instalação do supereu. O cenário da civilização foi estabelecido como a luta entre Eros e pulsão de morte. De um lado, a civilização, a serviço de Eros, busca unir os indivíduos em uma massa, de outro, as pulsões de agressividade tendem a uma hostilidade de um indivíduo para com o outro, fato que ameaça a civilização.

Conclui-se, por fim, com esta monografia, que o mecanismo de identificação é indispensável para a constituição do sujeito. É por meio desse processo que a relação com o outro é estabelecida; que há uma limitação do narcisismo e um investimento libidinal no objeto. A identificação é a forma de laço emocional mais antiga e é essencial no desenrolar do complexo de Édipo. Esse mecanismo, através do qual o eu se constitui, é o mesmo presente na psicologia das massas; é ele que mantém um grupo coeso. O psiquismo envolve uma dinâmica pulsional, e a gênese do sujeito emerge tanto do conflito entre as pulsões, das pressões exercidas por ela, quanto da relação com o outro. A instância do supereu também é essencial para entender o vínculo social. Dentro da civilização, o supereu aparece como fundamental para a regulamentação das relações humanas e para manutenção da sociedade. Ele internaliza parte das tendências hostis do homem, impedindo que elas se exteriorizem contra o outro, e, em consequência, produz um sentimento de culpa que impede a satisfação das pulsões e uma constante infelicidade interna. A similaridade entre a formação do supereu de uma sociedade e a do supereu individual aponta para um fato importante: o anímico e o social são duas esferas onde ocorre a constituição do sujeito. Não é possível se pensar esses dois âmbitos isoladamente, visto que o outro está sempre presente na vida do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primárias

FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.12).

_____. (1915a). *A Repressão*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.12).

_____. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.10).

_____. (1914). *Introdução ao narcisismo*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.12).

_____. (1917 [1915]). *Luto e Melancolia*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.12).

_____. (1923). *O Eu e o Id*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.16).

_____. (1915b). *Os Instintos e seus destinos*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.12).

_____. (1930). *O Mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.18).

_____. (1921). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras Completas, v.15).

Secundárias

GIACOIA, O. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MIJOLLA, A. *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

Inada, J. *Felicidade e mal-estar na civilização*. AdVerbum, v. 6, n. 1, p. 74-88, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf>

ASSOUN, P-L. *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Fernandes, E. *Narcisismo*. 2002. 116 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~bdsepsi/77a.pdf>>

LE BON, G. *Psicologia das Multidões*. Trad. Mariana Servulo da Cunha. 1. ed. Martins Fontes, 2008.

Nakasu, M. *Sublimação, pulsão de morte, superego: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. 2007. 273 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <<http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f04994f76176.pdf>>